

A EMOCIONANTE HISTÓRIA DE JÚLIO CÉSAR

PLACAR

N.º 838 16/JUNHO/1986 Cz\$ 17,00



FATIA DA PERMANÊNCIA, PAULI, RIO GRANDE DO NORTE, ROMANIA, ROMANIA, SERGIU, CZ\$ 21,50 — 0563



UEFA!

**COMO A SELEÇÃO PODE
MELHORAR SEU FUTEBOL**

Careca, o herói de
Brasil 1 x Argélia 0

**25 PÁGINAS COM AS
GRANDES FOTOS EM
CORES DA COPA**

SELEÇÃO BRASILEIRA

AMARELA, SÓ A CAMISA

Com talento e valentia, Careca tirou o Brasil do sufoco contra a Argélia e desmentiu de vez a fama de ser só jogador de clube

Por MARCELO REZENDE
Foto SÉRGIO SADE

Para entendermos bem esta história, é melhor voltarmos à simpática e florida cidadezinha de Toulon, no interior da França. Era 1981 e lá estava a Seleção de novos do Brasil. Naquele dia, o time ganhara da Itália por 2 x 1 e, em meio à grande felicidade, um rapazola escapara do grupo para beber cerveja, como se homem grande fosse, num bar bem em frente da concentração. Uma farra que o rapazola não imaginava que terminaria numa severíssima repreensão. E numa grande amizade.

É que Antônio Oliveira Filho, na época com 19 anos, só estava acostumado com seu técnico, o bonachão Vavá das Copas de 1958 e 1962. Mas por perto rondava o coordenador da comissão técnica, que seria, no futuro, um de seus maiores admiradores e incentivadores. Naquela época, porém, o tal coordenador ainda não o admirava, mal o conhecia e não estava para brincadeiras. Afinal, Telê Santana estava ali para descobrir futuros talentos para a Seleção principal. E não gostara nem um pouco da atitude do rapazola, que começava a ganhar fama de craque e artilheiro: "Olha, Careca, futebol é profissão para homem sério. Você é muito garoto para se meter numa onda dessas. Não admito que um jovem

como você tenha esse tipo de atitude".

São passados mais de cinco anos. O centroavante é hoje atração e destaque da Seleção Brasileira na XIII Copa do Mundo, no México. Telê tenta recuperar-se da derrota de 1982, na Espanha. Os dois carregavam, até pouco tempo, um traço comum: viviam sob permanente suspeita da torcida do Brasil. Se Telê continua sob olhos desconfiados a cada apresentação de seu time, Careca abandonou o amigo no meio da estrada, escapando do estigma de que "amarela" sempre que veste a camisa tricampeã do mundo.

ELOGIOS PÚBLICOS — Reconhecido, agradece seu atual prestígio ao próprio treinador. Tem razão. Telê sempre foi contido em elogios públicos aos jogadores. Pelo contrário, prefere criticá-los sob pretexto de que assim, espezinhando-os, instiga-os e estimula-os a dar o máximo de si. Com Careca, no entanto, sempre foi diferente. Telê jamais se esquivou de declarar que ali está seu atacante predileto. Mesmo nas piores fases, ele sempre confiou em Careca. "Ele é o centroavante com melhor toque de bola do país", não se cansa de repetir o técnico.

O Brasil não acreditava. Todos,▷

Careca: sonhando com a artilharia e o título mundial





SELEÇÃO BRASILEIRA

de torcedores a jornalistas — quase sempre meio donos da verdade —, diagnosticavam em Careca um jogador inibido, excessivamente egoísta nas conclusões, capaz de perder um gol para requintar um lance. Ainda por cima, diziam que ele era introvertido, sendo incapaz de resistir às pressões. Esses argumentos ganharam força na Copa da Espanha. Poucos dias antes da estreia, confirmado como titular absoluto para começar frente à União Soviética, Careca sofreu uma fortíssima distensão na coxa esquerda. A contusão acabou por deixá-lo quase três meses longe dos campos de futebol. Na época, Roberto Dinamite foi chamado às pressas para

Antes da Copa da Espanha, a distensão. E suspeitaram dele

x 1 quando o Brasil já estava classificado.

Para atormentar ainda mais, uma nova versão: Careca era jogador de clube. No São Paulo, destacava-se com lances magníficos, gols que o deixavam sempre artilheiro ou entre os primeiros goleadores do campeonato. No ano passado, terminara com 23 gols no certame paulista e vencera todos os prêmios de melhor entre os melhores. Voltara à

beça de todos: Casagrande. Um nome estava certo na cabeça do treinador: Careca.

Enfim, a estreia contra a Espanha. Nenhum gol, mas a unanimidade ainda tímida: Careca fora fundamental no ataque. De seus pés saiu o obus mortal que foi chocar-se contra o travessão. A bola, parada no ar, ficou esperando a cabeçada decisiva de Sócrates. Brasil 1 x 0, abraços divididos entre o autor, Magrão, e o criador, Careca. Seus deslocamentos, dribles e estocadas melhoraram ainda mais quando Telê decidiu trocar Casagrande pelo jovem Müller, seu companheiro no São Paulo.

Mas como um centroavante poderia consagrar-se sem gols? Ainda tentaram lembrar o papel de Tostão na Copa de 1970, neste mesmo México. Mas Careca estava simplesmente cansado de ser “boi de piranha”. Determinara-se não só a fazer gols como também a provar ao Brasil que poderia ser na Seleção o mesmo craque do São Paulo. E aí reforçara sua fé de que se transformaria num jogador de Copa do Mundo.

NA ESTRATOSFERA — Ao ver e analisar os primeiros jogos deste Mundial, fixara a meta de marcar nove gols e sair como artilheiro absoluto. Ao constatar a mediocridade que imperou na primeira fase, baixou seu objetivo: seis gols seriam suficientes para cumprir o sonho. E, a reboque desta idéia, uma proposta para o futuro: voltar ao Brasil como campeão do mundo e comprar seu passe, que pertence ao São Paulo. Seu contrato irá até fevereiro do ano que vem e há uma garantia de que, se o passe for vendido, terá direito a 25%. Em seus cálculos, uns 400 000 dólares — cerca de 5,2 milhões de cruzados — serão suficientes. Portanto, ao voltar goleador e campeão, venderá imóveis e outros bens para juntar o dinheiro e pagar ao clube. E aí os sonhos decolam para lá da estratosfe-



Müller: o perfeito entrosamento com o centroavante vem do São Paulo

substituí-lo. Voltavam as suspeitas de que Careca, mais uma vez, “amarelara”.

Poderia ser seu fim, é verdade. Mas Telê Santana, entristecido com a fatalidade, não só afastava a maledicência de que aquela distensão fora causada por forte tensão emocional como garantia a Careca: “Estaremos juntos nas próximas Seleções”. A história, contudo, se repetiria. Nas eliminatórias, por exemplo, surgiu um Casagrande artilheiro — e um Careca novamente na reserva, autor de apenas um gol, diante da Bolívia, em São Paulo, num medíocre empate de 1

Seleção e, em pouco tempo, o Brasil já se perguntava: qual o companheiro ideal para Casagrande, Müller ou Careca? A maioria apostava em Müller, menos uma pessoa, a que importava, o técnico Telê Santana.

Ao decidir-se por um desentrosado e prudente 4-4-2, Telê sabia da necessidade de ter dois atacantes velozes, capazes de decidir um lance numa fração de segundo. Precariam, ao mesmo tempo, ter boa mobilidade para se deslocar pelas extremas do campo e abrir os espaços para os apoiadores, que surgiriam de trás. Um nome veio à ca-



SERGIO SADE

Casagrande: novamente substituído mas o amigo Careca diz que ele brilhará

ra. Sabe que o poderoso Nantes, da França, o quer a qualquer preço.

Tais planos foram momentaneamente arquivados quando entrou em campo para enfrentar a Argélia, sexta-feira passada, no jogo que garantiu a classificação do Brasil para as oitavas-de-final. Careca tivera uma noite agitada, mal conseguira dormir, bem ao contrário da tranqüila véspera do jogo contra a Espanha. Fortemente gripado, sofrera uma ponta de febre. O nariz, entupido, mal o deixava respirar. Acordou várias vezes na isolada concentração do Club Universidad de Guadalajara. A escuridão e o si-

lêncio lhe fizeram companhia por várias horas, mas se manteve firme e calado.

Gol. Vinte e dois minutos do segundo tempo. Müller, que mais uma vez ocupara o lugar de Casagrande, centrara para a pequena área. Um zagueiro falha, o goleiro não alcança a bola, que fica próxima dos pés do beque Medjadi. Mas o defensor vacila. Numa fração de segundo, Careca dispara. Ele que faz 50 m em 5s2. Sua corrida é única, obsessiva. Há suor no rosto e uma baba grossa no canto da boca, calor de mais de 40 graus. Careca se aproxima como uma flecha,

toca a bola para dentro do gol: Brasil 1 x 0. Não pôde comemorar como queria. Tencionava colocar um sombrero e correr para a galera, mas foi desaconselhado numa conversa telefônica com o juiz Romualdo Arppi Filho. "Você pode até ser expulso", preveniu-lhe o único árbitro brasileiro presente na Copa. Mesmo assim, explodiu em alegria.

Ele acabara de afastar, com seu gol, a vergonha nacional de empatar com a Argélia. Ele, com sua arrancada, afastara das cercanias de Telê um massacre de descontentamento com uma exibição incipiente e desordenada. Ele, com seu bote traiçoeiro, classificou antecipadamente a Seleção para a próxima fase. Ele, com sua persistência, fizera o Brasil gritar em desafogo e calar-se em suas constantes críticas de que "Careca amarela".

Já era entardecer na concentração brasileira. Ao deixar o estádio, depois de ir a um estúdio de TV quente e sem água para aliviar a sede, foi obrigado a dar dezenas de entrevistas. Teve o pé direito, o mesmo que marcara o gol e que mede meio ponto menos que o esquerdo — 41 e 41,5 —, pisado por um radialista mais afoito. Ganhara rádios e presentes, e até fora obrigado a falar, por uma linha inaudível, com a mulher Fátima, que a tudo acompanhava de São Paulo.

SEITA POSITIVISTA — Subiu no ônibus, pela segunda vez desde que conhecera Telê, em 1981, como herói e já com evidentes sinais de futuro ídolo. Mas era na concentração, com o sol caindo e uma brisa fresca a lhe sacudir os cabelos, que Careca começava a refletir sobre mudanças tão bruscas. Passava por sua cabeça o velho pai, Antônio Oliveira, um ex-ponta-esquerda, que hoje toma conta da entrada de um dos parques de Campinas, proibindo cães e bicicletas. Pensava na mãe, Saudatina Goes de Oliveira, que recentemente entrou para uma



SERGIO SADE

Telê: apostando no seu camisa 9 preferido

“Toca a bola para mim”, ordena, como se fosse dono do time

seita positivista japonesa a fim de rezar pelo filho. Imaginou as filhas, Aline, dois anos, e Ellen, oito meses, com quem brinca todos os dias.

Não resistiu e telefonou para Fátima, com quem se casou em 1982, antes da Copa. E, ao deixar o telefone, voltou a pensar naquela partida de horas atrás contra a Argélia.

“Joga a bola em mim. Toca a bola para mim.”

Lá estava ele, gritando para Sócrates, Júnior e Falcão, craques que, à exceção do Doutor, não andam bem. Careca gritava como se ele, até então desacreditado, fosse

o dono do time. Admirava-se com a segurança do zagueirão Júlio César e gostava, não sem uma ponta de tristeza, da entrada de Müller, infelizmente, para ele, no lugar do amigo Casagrande. “Eu me dou melhor com Müller por causa do entrosamento no São Paulo, mas esperem que Casão também vai brilhar.”

É Careca quem brilha. Se antes, ao sair na rua, não era reconhecido, agora já há quem reclame por ele ter tirado o vasto bigode que lhe dava ares mexicanos. Corre, em Guadalajara, uma certa admiração por este atacante de um Brasil que ainda não reviveu o encanto de 1970. Em campo, segue-se com os olhos um Careca rápido, a saltar de pontapés, desinibido, como jamais fora, a pedir faltas e

exigir bolas. Fora de campo, ele, que sempre evitava encarar os entrevistadores e respostas compridas, já tem definições, busca conceitos, foge do lugar-comum. Alguns exemplos:

- “Esta Copa do Mundo é de nível inferior à de 1982. Não há tanta técnica nem o magnetismo daquele Mundial. Mesmo o nosso time não está num nível nem perto daquele.”

- “O que nos faltou foi uma definição mais rápida da equipe. Estamos ainda sem entrosamento. Creio que poderemos repetir os passos da Itália na Espanha, encontrando melhor padrão de jogo durante a competição.”

- “Vivemos, a cada dia, uma grande expectativa em torno de Zico. Mesmo que ele fique fora do Mundial, uma coisa ficará registrada: seu esforço, que nos transmite uma baita energia. Sua presença

carismática, que tem nos servido de estímulo.”

SEM CERVEJINHA — Já não é aquele Careca calado, introvertido. Lá está ele. Jornalistas de todo o mundo o caçam para uma palavra, uma declaração, por menor que seja. Lá está ele, afastando a Seleção de um véu de incertezas e inseguranças que insistem em não nos deixar. E lá está Telê Santana, bem no dia de folga, risonho, apesar do fraco resultado, com a certeza de que pelo menos esta parada ele venceu: Careca começa a se firmar como ídolo. Lá está Telê, contente, feliz neste dia de folga, a liberar seu amigo Careca para uma cervejinha, alívio certo para tanto calor. Só que, homem grande, agora é Careca quem não quer. □

PARA SEUS ARQUIVOS

O gol salvador de Careca contra a Argélia foi o primeiro do atacante são-paulino em Copas do Mundo. Careca já vestiu 30 vezes a camisa da Seleção e marcou 11 dos 1 349 gols da história da Seleção Brasileira.

Em Copas do Mundo, foi a 59.ª partida brasileira. Agora, são 39 vitórias, dez empates e dez derrotas. Marcamos 136 gols e sofremos 62.

Foi o terceiro jogo contra a Argélia, com quem nunca sequer empatamos. Aliás, nenhum país do continente africano conseguiu derrotar o Brasil até hoje. Foram nove jogos, sete vitórias brasileiras e dois empates.

Nesta quinta-feira, dia 12, o Brasil enfrentará pela primeira vez a Seleção da Irlanda do Norte. Em 3 de julho de 1973, nossa Seleção jogou um amistoso em Dublin contra um combinado das duas Irlandas e venceu por 4 x 3. O Brasil jogou com Leão, Zé Maria, Luís Pereira, Piazza e Marco Antônio; Clodoaldo e Rivelino; Valdomiro, Jairzinho, Paulo César Lima e Dirceu. Os gols foram de Paulo César (2), Jairzinho e Valdomiro.



LEVI MENDES JR

Ronaldo e Wágner: solução econômica numa equipe em que, de acordo com a filosofia, ninguém é insubstituível

SÃO PAULO

CONTRATO DE RISCO

Wágner e Ronaldo tentam afirmar sua força e provar à galera tricolor que substituir a dupla de zaga Oscar e Dário Pereyra não é uma missão impossível

Era uma missão perigosa e inglória. Há seis anos, Oscar e Dário Pereyra vinham formando um dos melhores miolos de zaga do futebol brasileiro. Já faziam parte da mitologia do São Paulo — time acostumado a grandes duplas, trios, quartetos e quintetos (veja o quadro). Chamados pelas seleções de Brasil e Uruguai para disputar a Copa do Mundo, Oscar e Dário deixaram momentaneamen-

te o Morumbi. Os que assumissem as pesadas camisas 3 e 4 do tricolor seriam, inevitavelmente, alvo de comparações.

Esta arriscada tarefa coube a dois jogadores que, se não possuíam a fama dos antecessores, estavam dispostos a provar que mereceram a oportunidade. Wágner, 27 anos, custou 400 000 cruzados em fevereiro passado. Pensando bem, um preço razoável para

quem, depois de sete anos, deixava a eterna reserva do Corinthians para substituir o capitão Oscar. Preencher a vaga de Dário Pereyra saiu por menos. Ronaldo, 20 anos, foi emprestado pelo Rio Preto, da Segunda Divisão paulista, com passe fixado em 120 000 cruzados.

Bem ou mal, eles estão aí. E já merecem elogios vindos do outro lado da linha do equador. "Wágner tem bom controle de bola e

chuta forte com o pé direito", observa Oscar, no intervalo de um treino, no Club Deportivo de Guadalajara. "Já Ronaldo não é de perder divididas e me parece uma ótima promessa", define o ex-capitão da Seleção Brasileira.

Na verdade, tanto Oscar quanto Darío não parecem ter muito futuro no Morumbi. Bicampeões paulistas em 1980 e 1981, e novamente donos do título no ano passado, tudo indica que eles chegaram ao ano da despedida. Oscar, 32 anos, e Darío, 29, ganham cerca de 60 000 cruzados mensais. Seguramente, na renovação do contrato, pedirão uma fábula, que esbarará na política salarial do clube. "Isso sem contar que ambos já não são mais titulares do Brasil e do Uruguai", alfineta um corneteiro são-paulino, no melhor estilo de seus confrades palmeirenses.

"PEÇAS DO FUTURO" — Exímio cozinheiro, o técnico Cilinho prefere não meter sua colher neste assunto. Dono de uma personalidade forte, ele sempre foi avesso a trabalhar com estrelas. O São Paulo foi obrigado a se contentar com um modesto sexto lugar no primeiro turno do campeonato e, muitas vezes, a defesa bateu cabeça. "Mas tenho a convicção de que Wágner e Ronaldo serão peças valiosas no São Paulo do futuro", afirma o treinador.

Wágner Basílio, paulistano do bairro da Liberdade e corintiano de berço, jamais pensou em mudar de clube. Quando isso aconteceu, criou uma certeza: "Só me deram valor quando saí". Ao falar, ele passa a nítida impressão de que se sentiu injustiçado. "No Corinthians, só não joguei na ponta e de goleiro, mas agora, graças a Deus, estou em paz", suspira. Língua solta, analisa com muita coragem as dificuldades que Oscar tem encontrado na Seleção Brasileira. "Ele é deficiente ao sair da área para fazer o passe", atira. "E, nisso, Júlio César, que já jogou de volante, é um especialista."



Ronaldo, perfil de peso pesado do boxe: "Um dia, tinha de dar certo"



▷ Wágner, ex-eterno reserva do Corinthians: "Só deram valor quando saí"

Ronaldo Rodrigues de Jesus, nascido na politizada e poluída São Bernardo do Campo, tem o perfil de um peso pesado do boxe. Trata-se de um vigoroso canhoto de 87 kg distribuídos em 1,87 m de altura. Tudo isso sobre chuteiras número 44. Ronaldo já tentou a sorte nos juniores do Corinthians e do Palmeiras e, durante um ano, bateu ponto como aplicado mecânico geral na fábrica de brinquedos Trol, de propriedade do ministro da Fazenda Dílson Funaro. "Um dia, tinha de dar certo", diz o quarto-zagueiro.

CORAÇÃO ARDOROSO — Começou a dar certo este ano. Depois de realizar 18 partidas pelo São Paulo, junto com Wágner, ele recebeu a aprovação do técnico Cilinho, inveterado romântico, afeito a comparações. "Vocês têm a fibra dos zagueiros de antigamente", falou-

"Vocês têm a fibra de velhos zagueiros", disse Cilinho

lhe o treinador, ele mesmo um ex-beque de parques recursos.

O São Paulo, originalmente o clube dos negros da Rua Direita, é hoje um time da elite. Mas os são-paulinos têm o coração ardoroso de qualquer torcedor. O finado general Porfírio da Paz costumava colocar sua paixão pelo tricolor apenas meio degrau abaixo da conhecida devoção que tinha por Nossa Senhora Aparecida. O ex-governador Laudo Natel — que possuía o hábito de se sentar no banco de reservas do time enquanto chefiava o Executivo paulista — ainda hoje fica com os olhos embaçados por lágrimas sinceras ao

se lembrar de Rui, Bauer e Noronha. E não há são-paulino cinquentão que deixe de desfiar um rosário de proezas ao rememorar a famosa e demolidora linha dos anos 40, que todo tricolor sabe de cor: Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira, ou Pardal.

ALTAR TRICOLOR — Reminiscências à parte, por enquanto, Wágner e Ronaldo pensam apenas em preencher com eficiência as vagas de Oscar e Darío Pereyra. Ninguém tem a pretensão, por exemplo, de ocupar a lacuna deixada pelo inesquecível Armando Renganeschi no altar tricolor. Mas vão arrancando elogios do técnico Cilinho e deixando o São Paulo à vontade para dar um novo destino aos antigos ídolos. Afinal, as evidências indicam que, pelos lados do Morumbi, ninguém é insubstituível.

Nelson Urt

UM PÔQUER TRICOLOR DE ALTO ESTILO



Uma quadra para se respeitar: Terto, Rocha, Toninho e Paraná



Uma imbatível trinca de ases: Rui, Bauer e Noronha



O par dos duros anos da construção do Morumbi: Jurandir e Dias



O royal straight flush: Luisinho, Don Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira

IMAGENS DA COPA

Na maior festa do futebol mundial, os fotógrafos de PLACAR lutam para eternizar instantes mágicos como estes

SERGIO SADE



SERGIO BEREZOVSKY

Gravitação ao redor de um grande astro

O francês Platini tenta passar pelo soviético Bessanov, que fica gravitando em torno de uma das maiores estrelas do mundo sem lhe dar espaço

Careca balança a roseira e dá a volta por cima

Espertíssimo, o atacante brasileiro chega antes de todos os argelinos, sacode a poeira e estufa as redes. Voa, canarinho, voa sempre



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ